

CAPÍTULO 5

O LÉXICO DE BRASILEIROS E BOLIVIANOS NA FRONTEIRA ENTRE CÁCERES E SAN MATIAS: UMA ANÁLISE SOBRE OS EFEITOS DO CONTATO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL

Fernando Jesus da Silva & Jocineide Macedo Karim

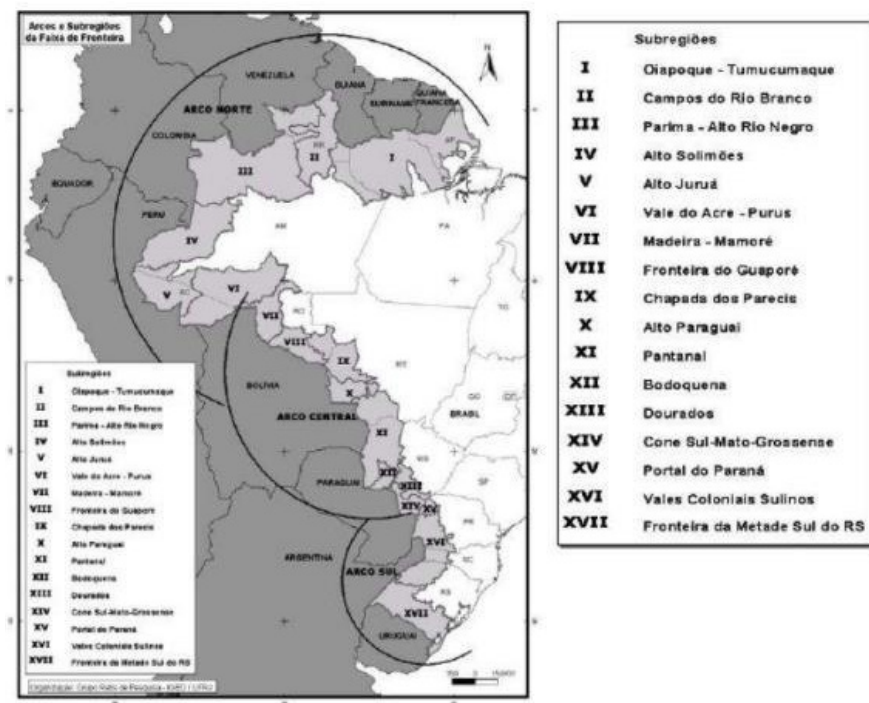
5.1 INTRODUÇÃO

O município de Cáceres (Mato Grosso) recentemente entrou para a lista de cidades-gêmeas do Ministério da Integração Nacional do Brasil (MIN) por intermédio da Portaria 1.080 de 24 de abril de 2019, em função da histórica relação comercial, econômica, cultural e política que mantêm com o município de San Matias (Província Ángel Sandoval-Bolívia). De acordo com a Portaria 213 de 13 de julho de 2016 do Ministério de Desenvolvimento Regional (MDR), cidades-gêmeas são os municípios:

cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações condensadas dos problemas característicos da fronteira, que aí se adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania (BRASIL, 2016, p. 45).

O Brasil possui 588 municípios na faixa de fronteira, divididos atualmente em três arcos e 17 sub-regiões (FERREIRA, 2017) conforme a Figura 5.1.

Figura 5.1: Arcos e sub-regiões da Faixa de Fronteira.



Fonte: Brasil (2009).

Dentro dessa subdivisão, Cáceres e San Matias pertencem ao Arco Central, especificamente a Sub-região XI Pantanal, que se caracteriza por ser um espaço entrecortado por rios – principalmente o rio Paraguai e o rio Jauru, além de inúmeros córregos. Os dois municípios estão interligados pela BR-070, à 100 km de distância entre a zona urbana de Cáceres até o limite entre os dois países, precisamente entre as comunidades lindeiras de Corixa – do lado brasileiro – e de San Juan de Corralito – também conhecida como Curicha do lado boliviano.

Neste trabalho, recorte da tese *O contato linguístico entre o português e o espanhol na fronteira Brasil-Bolívia: um estudo sobre variação lexical*, buscamos especificamente analisar de forma quantitativa e qualitativa essas duas comunidades lindeiras que resultam de processos relacionados à demarcação de terras entre o Brasil e a Bolívia. Ao mesmo, que se constituem espaços de intercâmbios comerciais, culturais, sociais, sobretudo, linguísticos, razão que nos convida a olhar para o léxico dos moradores dessa região. Para isso, buscaremos compreender inicialmente as condições de produção de surgimento dessas comunidades, para em seguida nos debruçarmos sobre o léxico resultante do contato linguístico entre o português e o espanhol falados nessa zona.

A fronteira é o espaço do contato linguístico, uma vez que se caracteriza pelo trânsito entre pessoas e línguas diferentes. Sturza (2019) explica que a exposição a diversas línguas contribui para que o sujeito fronteiriço marque sua identidade linguística, travando nesse sentido, um embate político-linguístico com o outro. Nessa perspectiva, Silva (2022, p. 69) explica que:

O contato entre o português e o espanhol na fronteira entre Cáceres (Brasil) e San Matias (Bolívia), por exemplo, resulta de processos que aglutinam aspectos históricos, geográficos, culturais, econômicos, sociais, educacionais, migratórios e políticos entre brasileiros e bolivianos desde o século XIX e que ecoam sobre o léxico dos sujeitos fronteiriços nos dias atuais produzindo efeitos paradoxos de aproximação e distanciamento do português e do espanhol. Não se trata apenas de um efeito linguístico de contato, mas também político.

Do Tratado de Madri (1750) até o período republicano, houve muitos conflitos entre brasileiros e bolivianos com relação à demarcação das terras desta zona pantaneira. A delimitação entre o Brasil e a Bolívia nesse espaço só foi concluída em 1979 com a construção de inúmeros marcos ao longo da faixa. Em 1990 foi feita uma revisão e uma reforma desses pequenos obeliscos divisórios, a fim de sinalizar melhor onde começa e termina o território de cada país.

Figura 5.2: Marco fronteiro à esquerda pintado de branco.



Fonte: Silva (2022).

As comunidades de Corixa e San Juan de Corralito localizam-se justamente nesse espaço de divisão territorial, entrecortado por diversos corixos¹ – designação das duas comunidades analisadas, ou seja, “Corixa” e “Curicha” – que margeiam os quintais dos comunitários, além de inúmeras estradas “cabriteiras” que facilitam o acesso de um país para o outro longe do olhar dos agentes de segurança, favorecendo muitas vezes, o contrabando e o narcotráfico internacional.

A presença dos marcos não representa nenhum impedimento para o deslocamento dos comunitários, uma vez que, a relação que se estabelece entre as duas comunidades é de vizinhança. Nesse sentido, cruzam-se os vários marcos para ir à casa do amigo, do familiar, sem pensar que estaria indo para outro país.

As duas comunidades são resultado de povoamentos estratégicos que buscaram por intermédio da ocupação produzir um efeito de delimitação territorial. Entretanto, é importante esclarecer que, antes de processos de ocupação, acordos e tratados diplomáticos, essas terras já eram habitadas por diferentes etnias indígenas, dentre elas os bororos e os chiquitanos.

Segundo Cuéllar e Yavarí (2008), os bororos foram os primeiros habitantes de San Matias, que, fugidos do Império do Brasil, viram na região conhecida como Salinas, um espaço onde encontrariam segurança e proteção. Porém, foi com o coronel Sebastião Ramos, ex-governador da Província de Chiquitos, que se deu início de fato ao povoamento dessa parte da fronteira do lado boliviano, com o apoio dos bororos e sobretudo, dos índios chiquitanos cujos elementos culturais, religiosos e linguísticos se fazem presentes tanto em Cáceres quanto em San Matias, na zona rural fronteira (SENA, 2020; SILVA, 2022).

1 De acordo com Campestrini et al. (2014), “corixo” é o curso de água de dimensões variadas, assim como sua intensidade de vazão, podendo ser um brejo, ou canal, ou, ainda, um curso de água estacional (sazonal). A origem de um corixo está relacionada ao período após as cheias ou vazantes, quando muitas vezes o corixo corre em um leito abandonado de um curso d’água qualquer.

Sebastião Ramos explorou toda a área das Salinas, a margem direita do rio Jauru, onde fundou inicialmente o Rancho das Onças, e posteriormente o povoado de San Matias em 1844. De acordo com Sena (2020), o referido rancho estava localizado em uma posição bastante estratégica, de onde era possível navegar do rio Jauru até o rio Paraguai e consequentemente chegar ao oceano Atlântico, contrariando os interesses políticos do Império Brasileiro, que se baseando no Tratado de Santo Ildefonso (1777), alegava ser proprietário dessa região, razão, portanto, que configurou um conflito entre os dois países para a saída dos bolivianos daquele local.

Dessa maneira, para o governo brasileiro, Sebastião Ramos estaria invadindo terras brasileiras. Além disso, o governo boliviano alegava que o coronel atuava de forma ilícita na região, no roubo de gado e no contrabando de escravos (TONELLI, 2004).

Em 1843, o então prefeito do departamento de Santa Cruz exigiu a saída de Sebastião Ramos das Salinas, pois considerava a região como território brasileiro. Entretanto, a recusa do coronel fez com que o presidente da província de Mato Grosso, Zeferino Pimentel enviasse tropas para a fronteira, a fim de expulsar os bolivianos. Sena (2020) explica que, após a expulsão dos bolivianos das Salinas, um destacamento militar foi criado com o objetivo de proteger a soberania do Império, produzindo como efeito um “abrasileiramento” dessas terras historicamente marcadas pela presença de diferentes grupos étnicos e suas respectivas línguas.

Com uma política de acolhimento por parte do Brasil, muitos bolivianos passaram a viver e trabalhar em Cáceres, constituindo famílias que passaram a povoar essa zona e estabelecer laços de parentesco, contribuindo para a expansão do uso do português em San Matias com o passar dos anos.

Devido ao litígio entre os dois países, a Corixa passou a ter um destacamento fixo do 2º Batalhão de Fronteira do Exército brasileiro (2º BFRON), que além do papel militar que desempenha, atuou também na educação da comunidade. Muitos brasileiros e bolivianos foram alfabetizados por militares por um bom tempo até a construção da Escola Municipal Marechal Rondon, que ainda hoje atende alunos tanto da zona rural fronteira de Cáceres quanto de San Matias, especialmente de San Juan de Corralito. Com o ensino de português buscava-se – e ainda se busca – demarcar pela língua a unidade territorial de um espaço historicamente caracterizado por ser plurilíngue, inscrito em políticas voltadas para a promoção de um monolinguismo local.

A comunidade de San Juan de Corralito é uma comunidade chiquitana formada por casamentos interétnicos, principalmente com brasileiros, razão que contribuiu para que o português continuasse sendo falado para além da fronteira com o Brasil, portanto constituindo-se como língua de herança de muitos matienhos.

O nome “Corralito” (diminutivo da palavra *corral*, do espanhol, curral) faz referência aos pequenos “corrais” construídos na comunidade para abrigar o gado vindo do Brasil e “San Juan”, ao santo de devoção dos comunitários.

Considerando o intercâmbio comunitário entre os dois países e o contato entre o português e o espanhol nessa relação, levantamos algumas questões para a pesquisa e respectivas hipóteses. Como se caracteriza o léxico de cacerenses e matienhos nesse

espaço fronteiriço, especificamente, entre essas duas comunidades, considerando essas condições histórico-geográficas de divisão? A hipótese que levantamos nos induz a pensar sobre a existência de um léxico híbrido, ou seja, com a presença de lexias do português no repertório dos matienhos e vice-versa.

O léxico dos sujeitos fronteiriços dessas comunidades varia conforme a idade (dimensão diageracional), o sexo (dimensão diagenérica), o grau de escolaridade (dimensão diastrática) e a localidade de residência (dimensão diatópica)? Com base em trabalhos sociolinguísticos e dialetológicos, assumimos que o léxico dos entrevistados mais jovens seja mais inovador em relação aos mais velhos, isto é, mais conservador. Entendemos como léxico inovador aquele que apresenta influências de uma das línguas em contato, isto é, como produto de empréstimos linguísticos. Já o léxico conservador se configura como um gesto de resistência aos empréstimos, a uma preferência lexical maior por formas próprias da variedade local.

5.2 O CONTATO ENTRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL

Como vimos na introdução, San Juan de Corralito e Corixa são comunidades irmãs que mantêm práticas sociais, culturais e linguísticas para além da linha imaginária que as separa, ou seja, brasileiros e bolivianos utilizam o português e o espanhol diariamente em diferentes contextos comunicacionais, como acontece em outros espaços fronteiriços, porém com algumas particularidades que refletem, por exemplo, as escolhas lexicais nas duas comunidades.

O contato linguístico entre o português e o espanhol na fronteira brasileira com os países vizinhos tem sido muito estudado nesses últimos anos. Rona (1959), por exemplo, revelou em seus trabalhos uma forte presença do português no norte do Uruguai e nos municípios lindeiros – especialmente Rivera (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil) –, designando como “Fronterizo” o dialeto falado por essa população, resultante da combinação de elementos tanto do português quanto do espanhol.

Thun, Forte e Elizaincín (1989), no *Atlas Diatópico e Diastrático do Uruguai* (ADDU), designam o conjunto desses dialetos como “Dialeto Portugueses do Uruguai” (DPUs), pois, além da zona fronteiriça, também são falados em espaços urbanos e rurais.

Sturza (2019), por outro lado, denomina-o “Portunhol”, uma língua resultante do contato entre o português e o espanhol, uma língua étnica das comunidades fronteiriças uruguaias e brasileiras.

Ainda no arco sul, Lipski (2017) e Maia e Mendes (2018) descrevem a variedade falada em Misiones (Argentina), como *Português de Misiones*, que também resulta de contato linguístico, com a diferença de que apresenta como principal característica constituir-se como um vernáculo do português falado na zona rural.

No arco norte, Mota (2014) descreve o contato entre o português e o espanhol nas cidades de Pacaraima (Brasil) e Santa Elena de Uairén (Venezuela), apontando um

crescente uso do português por parte dos venezuelanos dentro de um espaço que se apresenta como plurilíngue, uma vez que além dos dois idiomas oficiais, também são faladas diversas línguas indígenas.

No arco central, Mancilla Barreda (2017) trata do português na fronteira entre Puerto Quijarro (Bolívia) e Corumbá (Brasil) – tanto sob uma ótica voltada para o ensino quanto para o contato linguístico – como uma língua transfronteiriça e transnacional, cujo contato com o espanhol tende a fortalecer as relações interculturais entre os sujeitos fronteiriços dessa região.

Em relação à fronteira que estudamos, o contato linguístico revela para além de determinados usos lexicais, um espaço difuso, paradoxo, que se materializa efeitos de políticas do Estado sobre os modos como o português e o espanhol têm significado para os sujeitos fronteiriços, uma vez que são línguas que ocupam lugares díspares quanto a importância, predomínio e prestígio social.

De acordo com Oliveira (2016), as políticas de “monolinguajamento” buscam silenciar ou apagar outras línguas pela interferência do Estado. Puhl e Araújo (2015) explicam, por exemplo, que a instalação das Linhas Telegráficas e estradas de ferro na Região Amazônica significou uma maneira de abrigar sua população, pois a fronteira passaria de espaço isolado para espaço integrado. Para isso, muitos destacamentos militares foram construídos – como é o caso do Destacamento de Corixa –, formaram-se vilas, criaram-se escolas, com fins de materializar a presença do Estado brasileiro por intermédio de suas instituições.

O fato de serem comunidades-gêmeas não significa que as relações interlinguísticas sejam recíprocas em San Matias e Cáceres. O modo como essa fronteira foi abraçadora contribuiu para um monolinguajamento desse espaço, que produziu, como efeito, gestos de aceitação e/ou rechaço de determinadas lexias por razões muito mais políticas que propriamente linguísticas.

Dadas as condições de criminalidade na fronteira entre Brasil-Bolívia, muitas instituições de segurança e fiscalização passaram a fazer parte do cotidiano das comunidades fronteiriças, como acontecem em relação a Corixa e San Juan de Corralito, fortalecendo e promovendo o uso do português sobre o espanhol e demais línguas faladas na região.

Silva (2022) explica que muitas matienhas dão à luz a seus filhos em Cáceres devido à falta de estrutura hospitalar de San Matias. Nesse contexto, esses sujeitos crescem sabendo que possuem um vínculo com o Brasil, e consequentemente o usufruto de muitos direitos que gozam os cidadãos brasileiros. Assim, cria-se sentimento de pertencimento ao Brasil por vias legais que somado a influências culturais, comerciais, sociais fazem do português uma língua comum e não estrangeira na paisagem linguística matienha.

5.3 A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO ESPAÇO FRONTEIRIÇO

O contato entre o português e o espanhol na fronteira entre Cáceres e San Matias se caracteriza por diferentes embates que vão do social ao político, reverberando no presente a diferença de posição que cada língua ocupa em termos de prestígio e uso, fatores importantes para compreender semelhanças ou disparidades de elementos lexicais.

Nesse sentido, comparar repertórios lexicais dentro de um espaço administrativamente distinto, mas culturalmente comum, nos conduz a pensar sobre variação linguística, bem como observar a influência de uma língua sobre a outra, assim como verificar se o contato produzido tem resultado em um vocabulário comum entre brasileiros e bolivianos. Assim, descrever e analisar a variação lexical no espaço fronteiriço significa perceber que o uso de determinada lexia em detrimento de outra constitui além de uma escolha social, também política.

A variação nesse sentido evoca os diferentes modos que o sujeito fronteiriço se significa frente às línguas em contato. Partindo desse pressuposto, questionamos: o léxico entre os moradores da Corixa e de San Juan de Corralito se caracteriza dessa maneira, ou seja, diferenciado pelo padrão de uso conforme a língua nacional?

5.4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para responder à questão, desenvolvemos uma pesquisa que segue os princípios da Dialetoлогия Pluridimensional e relacional proposta por Thun (1998) que consiste em relacionar a dimensão diatópica (horizontal) – perspectiva tradicional dos estudos dialetológicos – com dimensões sociais (verticais), isto é, associando pressupostos teóricos da Sociolinguística com o objetivo de produzir uma descrição mais completa dos fenômenos linguísticos, neste caso específico, do léxico produzido na relação de contato entre o português e o espanhol na fronteira Brasil-Bolívia.

Para isso, realizamos entrevistas nas duas comunidades, utilizando como instrumento o Questionário Semântico-lexical do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) adaptado ao contexto da pesquisa. Ao todo, aplicamos 97 questões divididas em 13 campos semânticos. Especificamente, consideramos no campo semântico “jogos e diversões infantis” as questões nº 66: como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras? (Esconde-esconde); nº 67: como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados tenta pegar as outras? (Cabra-cega).

A pesquisa contemplou 24 informantes, sendo 12 brasileiros e 12 bolivianos, dos quais 8 pertencem às comunidades fronteiriças, sendo 4 da Corixa e 4 de San Juan de Corralito tanto do sexo masculino quanto do feminino. Quanto à dimensão diageracional, dividimos os informantes em dois grupos: o GI (formado por informantes entre 15 a 35 anos) e o GII (de 45 a 65 anos de idade).

Para o tratamento dos dados, utilizamos o *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguística* (SGVCLIN) (ROMANO et al., 2014) que possibilitou a quantificação dos dados por meio de relatórios, bem como a confecção de cartas linguísticas.

A comparação dos resultados se dá pela aplicação dos critérios: léxico [+] influído, [-] influído, similar e diferente, considerando do ponto de vista normativo, as lexias que se caracterizam como parte do português e/ou do espanhol.

5.5 ESCONDE-ESCONDE OU ENCANTADO?

As brincadeiras e jogos infantis remetem uma etapa importante da vida de todo ser humano, pois, rememora práticas sociais (neste caso, interculturais) que evidenciam relações de uma maior proximidade ou distanciamento com o “outro” e com sua língua. O ato de brincar na fronteira contribui para a percepção do que seria parte ou não da identidade local.

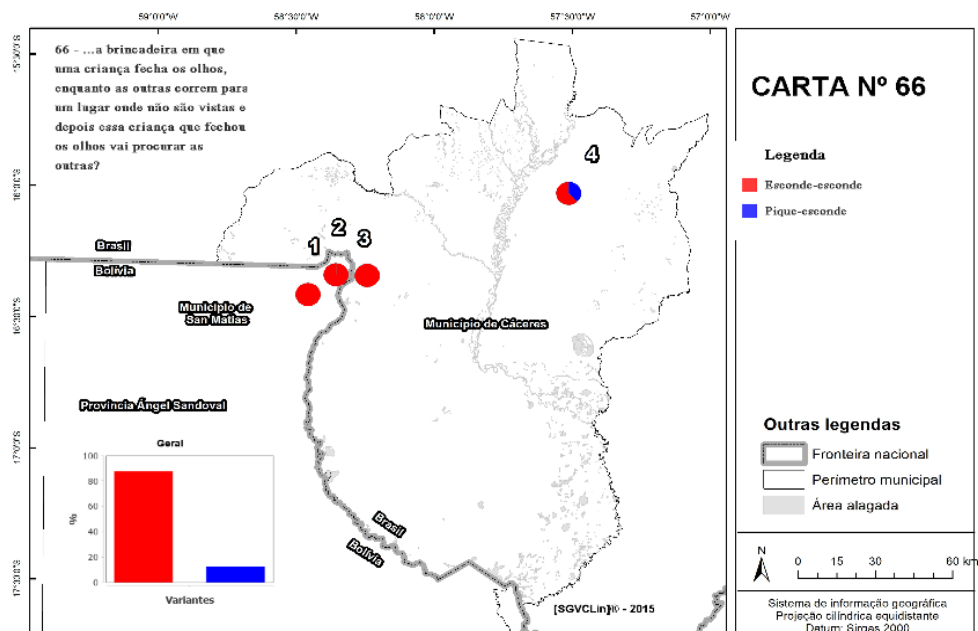
Considerando o espaço fronteiriço investigado e as condições históricas de intercâmbios entre os sujeitos das comunidades, o modo de nomear uma brincadeira revela a relação que se tem com o português, com o espanhol, ou com as duas línguas. Nesse sentido, analisamos a questão nº 66 “como se chama a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto as outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os olhos vai procurar as outras?”.

No Brasil, de um modo geral, essa brincadeira é designada como “esconde-esconde”, variando regionalmente, por exemplo, “trinta-e-um”, “barata”, “Maria-condê” (AGUILERA, 1994); “brincar de manhã”, “pato-choco” (ALTINO, 2001); “bate-cara”, “esconde-atrás”, “pique-esconde”, “pique-pique” (CRISTIANINI, 2007).

Do mesmo modo, na Bolívia há várias designações regionais para a referida brincadeira. De acordo com o Instituto Boliviano de Lexicografia e outros Estudos Linguísticos (IBLEL, 2002), pode ser chamada de “oculta-oculta”, “bajomilla”, “chú-curucu”, “escondidas”, “oculta-ocultitas”, “paca paquita”, “pesca-pesca”, “pilla-pilla”, “tuja de esconderse”, “tuja de ocultarse”.

Em relação a Cáceres e San Matias, obtivemos para a questão nº 66, o registro de duas variantes, a saber, “esconde-esconde” e “pique-esconde” (Figura 5.3):

Figura 5.3: Carta linguística nº 66.



Fonte: SILVA (2022).

Como se pode observar na carta da Figura 5.3, apenas na zona urbana de Cáceres (ponto 04) houve variação, ou seja, o registro de “pique-esconde”. Chama-nos atenção para um contínuo lexical entre a zona urbana e rural lindeira de San Matias com a comunidade de Corixa.

Em todos os três pontos, a lexia “esconde-esconde” prevaleceu com 100% de produtividade. Das designações populares registradas pelo IBLEL, não documentamos nenhuma em San Matias, situação que nos faz supor que essa variante reflete uma forte influência do Brasil no modo de designar a referida brincadeira.

O empréstimo linguístico é um dos fenômenos mais comuns dentre os fenômenos de contato linguístico. Nesse caso, representa paradoxalmente do ponto de vista normativo um “estrangeirismo” no vocabulário matienho – portanto inovador –, e do ponto de vista do contato linguístico e da variação inerente, uma lexia que materializa práticas sociais próprias dessa fronteira que revela uma infância marcada pelo intercâmbio cultural entre brasileiros e bolivianos especificamente na zona lindeira.

Na zona urbana quanto na zona lindeira brasileira, prevaleceram as lexias do português, situação que nos leva a pensar a respeito do monolinguajamento produzido no Brasil como um todo, especialmente, na fronteira.

A ausência de lexias do espanhol para designar a brincadeira em questão não significa o apagamento do uso da língua pelos cacerenses, mas sim, um gesto de silenciamento de variantes que não representam os valores da “brasilidade” historicamente impostos na região.

A diferenciação de uso lexical pressupõe um conhecimento lexicológico que é aprendido na maioria das vezes na escola, pois é, a principal instituição de proteção e manutenção da língua nacional. É nesse espaço, que se aprende o que é “certo” e “errado” dentro de uma língua, o que pode e o que não pode ser dito.

O fato de “esconde” ter tido alta produtividade tanto na zona urbana quanto rural demonstra que essa é a variante que é mais produtiva para o matienho, embora, seja não contemple a lista de designações que enquadram como parte do vocabulário boliviano.

5.6 CABRA-CEGA OU GALLINITA CIEGA?

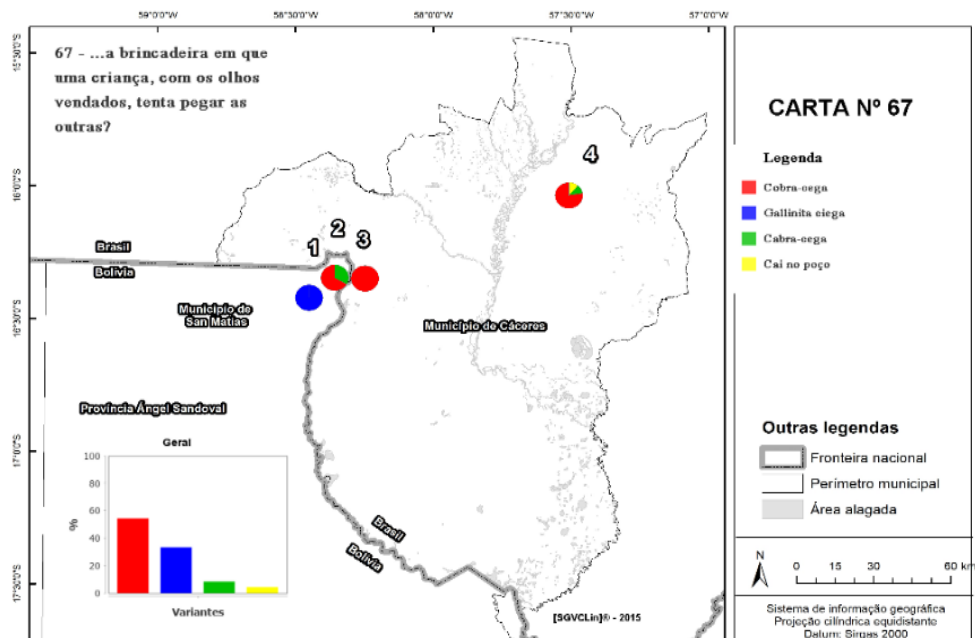
O fato de San Matias apresentar forte influência brasileira não significa necessariamente que apresente um léxico compartilhado entre as zonas urbana e rural fronteiriça. A questão nº 67, que procurou identificar “como se chama a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados tenta pegar as outras”, demonstra uma disparidade lexical que decorre dos efeitos migratórios em San Matias e de uma política de “bolivianizar” o espaço fronteiriço, historicamente, “abrasileirado”.

Para essa questão, registramos quatro variantes lexicais: “cobra-cega”, “gallinita ciega”, “cabra-cega” e “cai no poço”. Esta última variante nos pareceu bastante diferente comparada com outras populares no Brasil, como, “pata cega” e “galinha ciega”.

Acredita-se que a origem dessa brincadeira seja chinesa, porém ganhou mais popularidade na Europa como jogo popular entre os nobres. Assim como o “esconde-esconde”, a “cabra-cega” chegou ao Brasil e à Bolívia por meio da colonização.

De acordo com IBLEL (2002), o nome preponderante na Bolívia é “gallinita ciega”, uma forma diminutiva de “gallina ciega”, cuja variante do português seria “galinha ciega”. Cascudo (2005) explica que essa designação tem origem nos jogos latinos, denominados *Musca aenea* (Mosca de metal), mudando para outros nomes, porém, sempre com uma alternativa que foque em um determinado animal. No México, por exemplo, é conhecido como jogo da *Mona* (macaca), no Uruguai e na Argentina, como *Gallo ciego* (galo cego), e, no Brasil, prevaleceu os animais “cobra” – fazendo referência a uma espécie que se caracteriza justamente por não enxergar – e “cabra”, cuja origem é desconhecida (Figura 5.4).

Figura 5.4: Carta linguística nº 67.



Fonte: Silva (2022).

Como podemos observar na carta da Figura 5.4, na zona urbana de San Matias (ponto 01), a lexia predominante foi “gallinita ciega”, enquanto em San Juan de Corralito registamos apenas lexias do português, “cobra-cega” com 66,7%, e “cabra-cega” com 33,3% de frequência.

Em termos pluridimensionais, a lexia “gallinita ciega” representa a escolha lexical de todos os informantes da zona urbana, enquanto em San Juan de Corralito há uma preferência pelas duas formas. Segundo o IBLEL, “gallinita ciega” é o nome mais popular em toda Bolívia para esta brincadeira. Dessa maneira, o que justificaria a ausência dessa lexia nos registros da pesquisa?

Anteriormente, explicamos que San Matias por muito tempo dependeu de Cáceres em diferentes serviços, sobretudo na área da saúde. À medida que o município foi crescendo e recebendo uma grande quantidade de migrantes bolivianos vindos de outras regiões, muitos dos costumes híbridos matienhos passaram por um processo de ressignificação: por que determinado objeto é designado em português quando se tem um nome em espanhol?

O contexto fronteiro brasileiro-boliviano apresentado provê evidências de que a variação lexical nesse espaço fronteiro tem um viés político, pois rememora os embates do passado. O sentimento nacionalista ganha amplitude na medida que as “inovações” na língua espanhola representam uma ameaça à cultura local.

O aumento de instituições do Estado em San Matias com o passar dos anos, sobretudo de escolas, contribuiu para um efeito monolinguagizante do lado oposto. Criou-se meios de intervir pela correção escolar e de discursos preconceituosos (SILVA, 2012).

Diante da globalização, as fronteiras estão ficando cada vez mais “abertas”. Entretanto, o protecionismo associado ao nacionalismo cria condições para que muitos Estados procurem fazer coincidir fronteiras políticas com fronteiras linguísticas por intermédio de discursos nacionalistas que interpretam a presença da língua do “outro” como uma ameaça a identidade nacional, regional e/ou local (VIAUT, 2004).

Nesse sentido, ser boliviano fronteiriço significa apenas falar espanhol e/ou uma das línguas reconhecidas pelo governo como parte da identidade linguística nacional. Falar português, nessa perspectiva, estaria no âmbito do domínio de uma língua estrangeira e não do domínio de uma língua que se inscrevesse dentro de uma paisagem plurilíngue, muitas vezes difusa, pelo embate com políticas de monolinguajamento.

Essa é uma explicação para o predomínio da variante “gallinita ciega” nas respostas dos moradores da zona urbana de San Matias, que devido à pressão social que reflete o contexto político local, precisam escolher entre a forma que se encaixa no modelo/repertório do espanhol e um “estrangeirismo”, que na maioria das vezes já constitui parte do vocabulário matienho.

Assim como em “esconde-esconde”, na comunidade de Corixa e na zona urbana de Cáceres não documentamos a variante “gallinita ciega”, sugerindo que há uma relação recíproca no comércio, esporte, lazer, porém não em termos linguísticos.

Nessa perspectiva, o léxico cacerense se apresenta muito mais conservador do que o matienho, pois, em função do monolinguismo, acaba silenciando o espanhol. O repertório lexical de San Matias é muito mais similar ao repertório de Cáceres comparado com o do município boliviano.

A expansão linguística do Brasil por casamentos entre brasileiros e bolivianos contribuiu para que muitos matienhos aprendessem o português, o que não ocorre com os cacerenses, que, em sua maioria, não sabem espanhol. As famílias de San Juan de Corralito utilizam tanto o português quanto o espanhol no dia a dia, logo, produzem discursos interinfluídos, com transferência de elementos de uma língua para a outra.

Na zona urbana, ao contrário, prevalece o uso do espanhol, embora convivam outras línguas como o quéchua, aymará e, principalmente o português, uma vez que se constitui como língua de herança, do comércio, dos amigos, da mídia, da religião – já que há uma grande quantidade de igrejas (neo)pentecostais brasileiras no município – do entretenimento, enfim, como uma língua que pertence à paisagem linguística matienha.

Entretanto, conforme o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2012), o português não foi reconhecido como uma das línguas faladas no município. Como podemos observar, há um silenciamento de caráter político-linguístico de uma realidade plu-

rilíngue que tem sido apagada com o tempo e que se materializa nas diferenças lexicais de uma zona para a outra.

5.7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diferenças lexicais na fronteira entre Cáceres e San Matias rememoram embates linguísticos inscritos dentro de um plano de fundo político. Dessa maneira, a escolha que se faz de uma lexia em detrimento da outra corresponde ao modo como os sujeitos fronteiriços se situam nesse espaço.

Nossa pesquisa mostrou que há muita resistência no reconhecimento da língua do “outro” como parte de uma mesma paisagem linguística que conflui a fronteira. A negação ao espanhol reforça o monolingüismo do lado brasileiro, ao passo, que a afirmação do português do lado boliviano evidencia o plurilingüismo matienho.

A inovação, para além de um empréstimo ou estrangeirismo, revela que a disputa entre variantes é determinada não somente por questões sociais, mas também políticas que refletem, como vimos, um léxico mais tradicional, pautado na norma ou naquilo que se considera como próprio, nacional, do país.

As respostas às duas questões não demonstraram muita variação entre homens e mulheres, entre os mais jovens e os mais velhos, nem mesmo entre os que possuem apenas ensino básico. A variação é percebida em termos diatópico, quando comparamos as zonas investigadas, e vemos que há um *continuum* linguístico que vai da zona urbana de Cáceres até San Juan de Corralito em relação à grande semelhança lexical existente.

Por outro lado, a zona urbana, em função do processo migratório passou a ter uma paisagem linguística em que a língua espanhola ocupa o principal lugar frente às demais línguas faladas no município.

Em Cáceres, o monolingüismo é preponderante, pois materializa o abasileiramento da região, e, por conseguinte, um distanciamento de San Matias em termos linguísticos, já que em outros aspectos ambas as comunidades mantêm relações bastante produtivas, razão que justifica a elevação de título de cidade-gêmea.

Para concluir, ressaltamos a importância da Sociolinguística, tanto na vertente de contato quanto variacionista, pois permite compreender a relação entre língua e sociedade de um modo mais abrangente. Os pressupostos metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e relacional contemplam os aportes teóricos da Sociolinguística, levando-nos a uma perspectiva investigativa de cunho interdisciplinar, que revela, pelas duas questões analisadas, uma fotografia da fronteira estudada, de modo que se possa ter uma ideia dos efeitos do contato entre o português e o espanhol no léxico de brasileiros e bolivianos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Integração Nacional. *Faixa de Fronteira: Programa de Promoção de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira*. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2009.
- BRASIL. Portaria 213, de 19 de julho de 2016. Estabelece o conceito de “cidades gêmeas” nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. *Diário Oficial da União*, Brasília, 20 jul. 2016.
- CAMPESTRINI, Hildebrando *et al.* *Enciclopédia das Águas de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande, MS: IHGMS, 2014.
- CASCUDO, L. C. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO, ALiB. *Atlas Linguístico do Brasil*. Questionários 2001. 2.ed. Londrina: Eduel, 2001.
- CUÉLLAR, F. P.; YAVARÍ, F. R. *San Matías, la esperanza de la libertad*. Santa Cruz de La Sierra, Bolívia: Sirena, 2008.
- FERREIRA, E. A relação entre cidades-irmãs na faixa de fronteira: o caso de Cáceres – Mato Grosso/Brasil e San Matias – Bolívia. *Caminhos de Geografia*. v. 18, n. 62, p. 87-103, 2017.
- LIPSKI, J. M. La interfaz portugués-castellano en Misiones, Argentina: zona de prueba para la alternancia de lenguas. *Estud. filol.*, n. 60, p. 169-190, 2017.
- MAIA, I.; MÉNDEZ, S. C. Falantes de português missioneiro de fronteiras em posadas pmf: o caso do bairro san lorenzo. *Web Revista SOCIODIALETO*, v. 7, n. 21 SER. 1, p. 152-162, mar. 2018.
- OLIVEIRA, G. M. Línguas de fronteira, fronteiras de línguas: do multilinguismo ao plurilinguismo nas fronteiras do Brasil. *Revista GeoPantanal* n. 21, p. 59-72, 2016.
- ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, n. 1, p. 119-151, 2014.
- RONA, J. P. *El dialecto “fronterizo” del norte del Uruguay*. Montevideo: Universidad de la República, Facultad de Humanidades y Ciencias, Publicaciones del Departamento de Lingüística, 1959.
- SENA, E. C. El defensor de la frontera: Sebastián Ramos e as disputas fronteiriças (Brasil- Bolívia 1825-1862). *Tempo*. v. 26, n. 1. 2020.
- SILVA, F. D. *Língua, escola e fronteira: entre aprender e aprender sobre língua nacional*. Cáceres-MT, 2012. Dissertação (Mestrado) – PPGL, UNEMAT.

- SILVA, F. D. *O contato linguístico entre o português e o espanhol na fronteira Brasil-Bolívia: um estudo sobre variação lexical*. Tese (Doutorado). Cáceres-MT, 2022.
- STURZA, E. R. Portunhol: língua, história e política. *Gragoatá*, v. 24, n. 48, p. 95-116, 2019.
- THUN, H.; FORTE, C. E.; ELIZAINCÍN, A. El atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU): presentación de un proyecto. *Iberoromania*, n. 30, p. 26-62, 1989.
- THUN, H. La Geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay. In: *Actes du XXII Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Volume III, Bruxelles, 1998.
- TONELLI JUSTINIANO, O. *Riseña Histórica social y económica de la Chiquitania*. Santa Cruz de la Sierra: Editorial El País, 2004.
- VIAUT, A. La frontière linguistique de la ligne à l'espace : éléments pour une schématisation. In: *Langue de frontières et frontières de langues. Revue de Sociolinguistique en ligne*, n. 4, 2004.